

## SOCIEDADE DOS PARADOXOS

Ana Taís Martins Portanova Barros\*



**T**erminou a pós-modernidade. Agora, a modernidade, antes limitada, se hiperboliza, está consumada. Tudo é desmesurado e contraditório. Essa é a tese central de Gilles Lipovetsky em “Os tempos hipermodernos” (Editora Barcarolla, 2004).

O sociólogo francês, apontado muitas vezes como um dos melhores analistas dos paradoxos da nossa sociedade, sustenta que vivemos já há algum tempo a hipermodernidade, quando a importância do passado ressurge e a inquietação com o futuro substitui a crença no progresso, abalando o absolutismo do presente que teria caracterizado a pós-modernidade. A primazia do hoje continua, mas mais pelo excesso de bens e solicitações hedonistas do que pela ausência de projeto histórico.

Nesse momento hiper, os paradoxos se multiplicam à vontade: a mitologia do progresso caduca, mas acredita-se nos milagres da ciência; o presente domina, mas toldado de preocupações com o futuro (de nossas carreiras, do planeta etc.). Vive-se o hiperindividualismo projetivo, higienista e preventivo, afastado do instantaneísmo, da festividade, do desfrute.

O texto do sociólogo por aí vai, bem mais preocupado em mostrar do que em demonstrar – o que é, ou pelo menos já foi considerado um procedimento marcadamente pós-moderno. Os exemplos escolhidos por Lipovetsky para embasar as idéias são palpáveis, coloridos, vibrantes, capazes de convencer imediatamente. No entanto, passado um primeiro momento de assimilação tranqüila do que é dito, começa-se a arriscar algumas objeções.

Uma primeira coisa que incomoda é a periodização nitidamente delimitada da pós-modernidade. Na produção intelectual, segundo o autor, teria sido usada esta noção desde o final dos anos 1970, servindo para um momento de transição em que se perdeu a fé no futuro revolu-

---

cionário, houve crescimento do consumo e das comunicações, o enfraquecimento das normas e a primazia do aqui-agora. Prefiro pensar o tempo mais como convivência de tempos – históricos e míticos – do que como camadas que se superpõem sem deixar rastros umas nas outras. Esse tipo de convivência é atestada, por exemplo, por minha tia, agricultora, criadora de gado e que há apenas duas décadas conhece a eletricidade, conforto que lhe permite tirar leite das vacas ouvindo rádio: ordenha manual feita num galpão sombrio, com paredes de madeira velha. Trilha sonora da cena? Canções religiosas num volume estratosférico. Convivência de eras, talvez prenúncio de algo que, à falta de precisão, ainda não se sabe nomear.

Poderíamos ver aí um paradoxo hipermoderno? Não sei... o paradoxo é o absurdo, o contrário ao comum. Ora, quando nos acostumamos a cenas como a que descrevi acima - e que estão por toda a parte, basta prestarmos atenção – elas deixam de ser absurdas ou incomuns.

A hipermodernidade de Lipovetsky, a julgar pela conjunção mais utilizada em seu texto, seria a época do “nem”: nem iluminismo, nem niilismo; nem espetáculo, nem profundidade; nem responsabilidade, nem irresponsabilidade. Coerente, se pensarmos que a lógica moderna primou pelo princípio da exclusão – ou isso, ou aquilo – e a pós-moderna pelo inclusivismo: e, e. O nem-nem constrói-se com uma imagem extrema provocando imediatamente outra imagem extrema para se equilibrar, o que leva polarizações talvez forçadas: consumiríamos material pornográfico como nunca se viu, mas os costumes sexuais são mais ajuizados que descomedidos (p. 82). Os números sobre o aumento da Aids entre pessoas com mais de 50 anos e sobre a gravidez entre adolescentes não parecem confirmar isso.

Lipovetsky diz bem que o presente ainda domina; apenas, não é absoluto. A compulsão consumista é escape “em face de um mundo desprovido de futuro imaginável e transformado em algo caótico e incerto” (p. 79); o futuro se reveste de importância, posto que nos preocupamos com as questões ecológicas; o passado também se fortalece, dada a multiplicação de museus de todas as espécies. Como o declínio do *carpe diem* é sustentado com ilustrações, restamos examiná-las. Se o consumo é escape do caos, para que tempo se dirigiria essa fuga, senão para o imediato? Se a ecologia toma parte de nossas preocupações, não seria porque nesse instante mesmo derretemos sob calores que sabemos re-

sultado do efeito estufa e porque falta água em nossas torneiras? Se visitamos museus não é mais para ocuparmos alegremente nossos dias de folga do que para reverenciar o passado, ou para nos entretermos, como o próprio autor admite? Nos três casos, parece-me que ainda é o hoje que nos motiva.

Para o sociólogo, o perigo maior que vivemos é a fragilização do indivíduo, emocionalmente instável. Por mais que admitamos a possibilidade das aporias de Zenão, como pode o hiperindividualismo significar indivíduo frágil? Às vezes, Lipovetsky dá a impressão de, querendo cobrir todas as possibilidades, na saudável atitude de esfacelar o purismo das idéias, desembocar num monolitismo por outro viés: o paradoxo absoluto.

Dos diagnósticos aos prognósticos. Mesmo depois de apontar como perigo maior a desestabilização emocional dos indivíduos, Lipovetsky acredita que a cura da sociedade possa se fazer por meio de contratos racionais: não devemos subestimar “o poder de autocritica e autocorreção que continua a existir no universo democrático liberal” (p. 100). O porvir hipermoderno? “Nem dramático, nem entusiasmante”, afirma o sociólogo (p. 125). No entanto, seu próximo livro se chama “A sociedade da decepção”. Paradoxos, paradoxos.

## **NOTAS**

\*Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, professora do Departamento de Comunicação da FABICO/UFRGS, autora de “Jornalismo, magia, cotidiano” (Ed. da Ulbra).